



Ο Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Γωσήφ

HOMILIA

X DOMINGO DE MATEUS

A fé é um processo eminentemente lógico e, como tal, próprio de seres dotados de razão e, portanto, criados à imagem e segundo a capacidade de alcançar a semelhança de Deus. É por isso que **o homem por natureza crê**. Nesse contexto, crer é uma atividade própria dos seres lógicos, que têm intelecto, simplesmente porque têm alma.

É assim que a atividade intelectual do homem, de acordo com a antropologia bizantina, está intimamente relacionada com a alma. Assim, quando os Pais da Igreja falam do «*nous*» - *vous* - do homem distinguem no mesmo termo dois significados: 1- **como energia da alma**: neste contexto referindo-se à capacidade intelectual da pessoa; 2- **como a essência da alma**: isto é, como a **receptividade do Absoluto**; neste caso, referindo-se à atividade da pessoa humana de orar e como um órgão anímico **receptor** das divinas energias incriadas.

A fé, pois, desde essa perspectiva, é um processo próprio da alma da pessoa, pois é essa alma racional que abriga a função eletiva e noética. Ter fé é «**crer**», e a ação de crer se baseia, em princípio, em um processo meramente intelectual, cuja sede é a energia da alma, ou seja, a faculdade intelectual. É por isso que a fé - em sua origem - não se afasta do parâmetro lógico.

No entanto, a fé tem vários objetos. O homem pode ter fé em si mesmo, em suas capacidades, em um amigo, em um parente, em uma determinada crença ou religião, ou em Deus. Quando falamos de fé em Deus, então o processo intelectual inicial, no interior do qual a fé é limitada aos entes criados, **subverte-se**, auto **transcende-se** e, necessariamente, se insere no âmbito anímico mais profundo, ou seja, onde se percebe e se registra, por meio dos sentidos espirituais, as realidades do mais além, no «**fundo da alma**».

Permanecendo a fé em um reino meramente anímico e racional, sendo seu «Objeto» ontologicamente insubstancial ao homem, a operação própria da energia da alma é superada - embora não totalmente dissociada - em uma consequente *supra lógica*, própria da coexistência dos planos divino e humano. Neste caso, o processo intelectual básico torna-se metafísico. Desta forma, observamos que a natureza da fé é iminentemente lógica quando se refere aos seres criados, e podemos chamá-la de *supra lógica* quando se refere à natureza não criada, isto é, a Deus.

Como dissemos, a fé é uma atividade típica da fisiologia da alma humana. Toda alma humana sã crê. Diversos são os objetos de fé, mas ainda assim crê-se em algo ou alguém. No entanto, esse processo, que ao descrevê-lo parece simples, é realmente complexo, pois ao ser de natureza *anímica-lógica* necessariamente se inter-relaciona outra força ou apetite dessa mesma natureza que é a vontade. Na verdade, *crê-se somente se se quer crer*. Se não se quer, não se pode crer. Aqui, pois, se encontra a chave de volta da questão. Aqui, é o livre arbítrio - *το αυτεξούσιον* - intimamente relacionado a esse apetite anímico, que regula a atividade da fé. Escolhe-se, a princípio, crer ou não crer, em *que* crer ou em *quem* crer.

Quando se escolhe crer em Deus, esse processo necessariamente se inter-relaciona com o processo de amar, pois se dá no fundo da alma, no coração, lá onde, para crer se ama, e para amar se crê.

